



A PANDEMIA DO ÓDIO

De discursos transferencias

Griselda Sánchez Zago¹

Como ignorar que nesta época do capitalismo, de práticas neoliberais, onde a individualidade foi negada, desapareceu, onde só se busca o igual; o individual, o indivíduo desaparece? Desapareceu também a sua capacidade de desejar, o que deseja é aquilo que os outros querem que deseje, e não só isso, ele também se transformou numa mercadoria. Como esquivar-se destas exigências da nossa época?

Há anos isto vem sendo construído, gerado, crescendo, desenvolvendo-se, neste momento da pandemia o que aconteceu foi que aquilo que estava oculto, a quarentena evidencia, com a pandemia, chame-se vulnerabilidade, indefensão; destapam-se esses buracos, muitos constitutivos do ser humano, mas sem dar conta deles ou apenas agindo.

Entre outras coisas, por exemplo, diante da necessidade de heróis, de ideias, o que se encontrou são anti-heróis. México, -embora infelizmente não seja o único-, por exemplo, é muito claro: a impunidade, a delinquência, a desigualdade, o narcotráfico, os feminicídios, etc.; os narcotraficantes passaram a ser o exemplo a seguir, a pobreza leva a dizer “não importa a vida se tenho que continuar vivendo desta maneira, é preferível viver com as mãos cheias alguns anos do que toda uma vida com carências”, assim são constituídos os cartéis da droga. A emancipação do México foi realizada sob a liderança da elite *criolla*, cuja ideologia racista era compartilhada pelos dirigentes mestiços. A casta mestiça elevou-se como exemplo de uma mistura desejável entre as suas origens indígenas e europeias. Esta nova raça era glorificada, entretanto, para os povos indígenas e negros a forma básica de desigualdade continuava intacta. As comunidades indígenas continuaram sendo exploradas com formas mais ou menos explícitas de legitimação baseadas na sua suposta inferioridade e incapacidade de integração. No México, o

¹ Instituto Freudiano para o Estudo das Práticas Psicanalíticas. Associação Psicanalítica de Guadalajara. México, gszago@gmail.com



racismo continua apesar das resistências dos povos indígenas e dos afrodescendentes. Componentes geradores de ódio.

Outro exemplo, no que diz respeito ao político, quem não está do mesmo lado, quer seja da direita ou da esquerda, praticamente é mal visto e automaticamente criam-se discursos de ódio onde os laços sociais, se é que existem, acabam se rompendo, tudo passa a ser agressão, violência, famílias separadas, famílias que brigaram. Existem, creio, muitos exemplos onde podemos falar deste ódio,

Embora seja verdade que existem muitos lares onde isto não repercutiu mais do que em uma maior união, maior convivência, há outros, onde a violência, os feminicídios, o narcotráfico, as matanças, os desaparecidos, aumentaram.

No nível social, a delinquência, o narcotráfico, a frustração por não poder comprar o que o mercado está pedindo que se compre; estes sentimentos de privação e de frustração são vividos como uma grande incapacidade, apresentam-se como impotência e se transformam em ódio contra aquilo que representam.

Em toda esta situação frustrante incapacitante vulnerável pode aparecer aquilo que denominamos ódio, agressão, diante da qual possivelmente poderia haver uma contenção, ao não haver, isto se desborda e só impera a necessidade de descarga imediata e é avassalador. Na nossa época, na época do neoliberalismo, do patriarcado, ultrapassaram-se estes limites e os resultados saltam à vista.

O ódio é inerente ao ser humano, o ódio vem antes do amor, nos diz Freud, o ódio aparece quando há um reconhecimento de que o outro falta, de que não é, e a raiva por depender desse objeto, objeto que é ao mesmo tempo objeto de amor e objeto de ódio, além disso, também objeto proibido. Este momento é estrutural, aparece para dar conta da possibilidade de advir como um sujeito, mas para isto também foi necessária uma ação específica; uma ação que interprete o que se necessita, o que se sente, o que não pode ser dito, isto também no social, é repetido e vivenciado de muitas formas, e ao não poder dar palavra, transforma-se em ódio e em massa, isto se torna pandemia, tudo se volta contra si mesmo e contra o outro.



Se há um possível acordo, poderemos dizer que estes elementos, tanto que são estruturais, os objetos auxiliares quando não cumpriram a sua função de diminuição do prazer, e a descarga sem direção, nem sentido, dá conta de que o caminho do ódio abriu uma via facilitada que impede a sua elaboração, a sua transformação? A palavra se volta contra a palavra para transformar-se em ato de violência.

Se isto nos constitui, como gerar transformações destas pulsões que não sejam descarga pura, imediata e automática? Freud justamente nos está dando elementos, eu não sei se isto às vezes é a solução, mas, sim, me parece que podem ser mecanismos que coadjuvam a transformar. O que fazer nas nossas sociedades onde a violência, a crueldade e o ódio estão à flor da pele? Onde os discursos de ódio hegemônicos fazem desaparecer a diferença? Onde o seu próprio dizer fica inviabilizado? Neste jardim de espinhos é onde nos encontramos.

Por isso a enorme importância do trabalho psicanalítico tanto no consultório como no nível social, estar disponíveis é fundamental para poder enfrentar os limites e as limitações, com as suas conseqüentes frustrações. Criando a possibilidade de que haja sujeitos sensíveis e amorosos. A disponibilidade de poder estar aí para receber, em toda a extensão da palavra.

A transferência, viagem através do amor permite uma possível transformação, a via cibernética agora faz a sua função criando transferência massivamente, embora ainda estão por se ver os seus efeitos, alguma coisa começa a acontecer.

Poder estar, poder criar um dispositivo para que a palavra possa ser manifestada, pode ter efeitos no social, e fazer discursos que deem origem a laços sociais para poder interceptar, por dizê-lo de alguma maneira, o discurso capitalista que gera apenas tijolo no muro, como diria Pink Floyd.

Se falamos de elementos estruturais, em cada época aparece seu distintivo, com os gregos, com os franceses, com os ingleses... por exemplo, no México, posso situar há 500 anos na conquista os astecas eram considerados como animais porque tinham os seus próprios rituais, a sua própria cultura e não coincidia com a cultura eurocentrada, no início do século passado, Freud quando falava dos não europeus, os que não eram brancos eram



selvagens, neuróticos susceptíveis de estarem doentes, ignorantes, embora possam ser consideradas como metáforas usadas pelos científicos daquela época, é certo que a civilização foi construída a partir dessa linguagem, neste sentido, para a sua época, Freud não foi diferente (Greedharry, 2008).

No social, a psicanálise, como pode estar presente e transformar este ódio (já devindo muitas vezes em crueldade) em uma agressividade produtiva para si mesmo? A transferência faz sua função e seremos receptores dessa violência, desse ódio e, como diria Winnicott, de dialogar com ela e interpretá-la desde o outro lado dessa mesma moeda, isto é, desde o amor, o amor como uma estratégia para viver. Qualidade da transferência para depois dar de si e assumir essa morte?

John Brenkman pensa que a civilização em si mesma é um processo patológico, delinea a possibilidade alternativa de especificar que tais processos instituições e práticas são patológicas, tais avaliações poderiam oferecer à psicanálise uma aproximação à política e desde aí poder incidir na mudança de discurso.

Se o ódio nos fala cada dia, é preciso preocupar-se com a voz que nos fala e com o ouvido que escuta o seu chamado. Depois de Auschwitz e as câmaras de gás, não é possível pensar na imagem do ser humano sobre um pano de fundo de paz universal; desde então a ideia de paz como estado natural teria ficado definitivamente abolida, nos diz o filósofo e ativista André Glucksman

Odiar-se a si mesmo, odiar os outros, odiar o mundo inteiro: tornar-se um com o nada através do ódio. O guerreiro clássico, Aquiles, conta até dois, o campo dos vencedores e o dos vencidos, o seu, o dos outros. O furioso transforma dois em um, instala-se na ultra guerra. O massacre deixa de ser um meio de combate, transformou-se em um fim em si mesmo.

Caminhar entre estas páginas amargas é um brusco convite para pensar também no amor, na paz e na vida, mas sem ingenuidades ignoradas: é um chamado ao sujeito que supomos conhecer.



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



Bibliografía

Brenkman, J. (1993). *Straight Male Modern. A Cultural Critique os Psychoanalysis*. London and New York: Routledge.

Glucksman, A (2005). *El discurso de Odio*. Madrid Taurus

Greedharry, M (2008) *Postcolonial Theory and Psychoanalysis. From Uneasy Enagements to Effective Critique*. Palgrave Macmillam New York